

Estuprados

Rafael P. Tinelli, Brasil

Entrou com o uniforme do trabalho. Segurava um copinho de plástico que guardava um restinho de café frio. As roupas estavam meio amassadas, mas ainda guardavam o vinco marcado pelo ferro quente. Ele tinha cuidado com sua aparência. Se orgulhava daquele uniforme. As botas sujas me chamaram a atenção enquanto ele as passava no tapete e deixava pedaços de barro seco caírem.

- *“Bom dia, Doutor. Desculpa a bagunça. Me empresta uma vassoura pra eu limpar a sujeira aqui da porta?”*

- *“Sua sujeira é bem-vinda, Tiago.”*

- *“O senhor é muito engraçado mesmo. Mas, tudo bem! Hoje eu não vou discutir com o senhor.”*

Adentrou a sala procurando o lixo e resmungou alguma coisa sobre ter encontrado. Se dirigiu até a cômoda que fica na parede entre a minha poltrona e a sua, e guardou o revólver dentro da gaveta, como havíamos combinado. Voltou para a poltrona e se sentou como quem pretendia descansar. Passou as mãos no rosto que subiu aos cabelos oleosos, puxando-os para trás. Parecia cansado.

- *“Hoje foi pesado. Hoje...foi pesado!”*

- *“Você parece estar carregando um peso, mesmo.”*

- *“Os caras são muito criativos. Você não acreditaria se eu te contasse.”*

- *“Eu não acredito em você, Tiago?”*

Ele me olhou de canto, como quem não gostou do que ouviu, ou, como quem não entendeu. Decidiu que o que ele tinha para falar era mais importante. O olho cresceu para fora, abrindo-se em uma tentativa de me alcançar. Disse;

- *“O cara mereceu! Mas, foi feio...”*

Fez silêncio. Ele parecia querer que eu perguntasse o que ele havia visto; *“Me conta, vai! Não me deixe esperando... Estou muito curioso para saber qual foi a violência extrema que você viu hoje e que deve ser tão interessante...”*, ele queria ser interessante.

- *“Você parece esperar que eu te pergunte o que você quer falar, Tiago. Você não parece assumir o risco de escolher um caminho, e espera que eu o faça por você.”*

- *“Ih, lá vem você com essa historinha! Eu sou homem suficiente pra escolher o que eu quiser e assumir qualquer consequência! Você que é um doutorzinho, sentado nessa poltrona confortável o dia todo que não sabe como é o mundo lá fora. As coisas que eu vejo tirariam seu sono!”*

Fiquei em silêncio enquanto o ouvia falar sobre minha insensibilidade. Sobre meu isolamento e privilégio por não estar exposto aos perigos do mundo, como ele afirmara. Ele era um herói e eu deveria ser grato por tê-lo tão próximo para me contar como era o mundo real. Uma parte de mim concordava com ele.

- *“Mas, quer saber, vou te ensinar um pouco sobre o mundo. Você sabe o que fizeram com um ‘Jack’ essa noite?”*

Ele não esperou eu dizer nada, e continuou.

- *“Eu cheguei no local da ocorrência, perto do aeroporto. No caminho, já fui vendo marcas de sangue espalhada pelo capim, enquanto caminhávamos pra dentro do mato... um cheiro ruim no ar, sabe? Enfim, uma cena de terror! Intestino todo pra fora, merda espalhada misturada com sangue. O corpo sem a cabeça, todo marcado de queimadura, corte... Fui achar a cabeça do ‘Jack’ uns metros pra frente, com o pinto dele na própria boca.”*

As imagens que eu fui criando em minha mente me deixaram enjoado. Fiquei com medo de vomitar, mas segurei enquanto o ouvia.

- *“Os caras foram muito criativos. Demorou pra gente entender como eles tinham tirado o intestino se não tinha nenhum corte profundo na barriga do Jack. Olha só! Eles enfiaram um cano de pvc no cu do sujeito, e por ali, eles passaram um monte de arame farpado. Depois, eles tiraram o cano de pvc, e deixaram o arame farpado, pra ir tirando junto com as tripas do infeliz. Esse cara sofreu antes de morrer...”*

A cena descrita me deixou zozado e senti a náusea apontar na garganta. Um gosto metálico na boca me obrigou a grunhir como quem sente dor. Imaginei o sofrimento daquele ser humano e fiquei apavorado com a ideia de que outros seres humanos pudessem ser tão cruéis. Que pudessem sentir prazer com tamanho sofrimento. Que pudessem sentir prazer, com o sofrimento. Talvez, como Tiago estava sentindo naquele momento, comigo? De repente, me lembrei que eu era um analista, e olhei para o homem a minha frente. Ele olhava para mim, triunfante. Estava satisfeito ao me perceber em sofrimento com aqueles detalhes sórdidos de seu trabalho. De seu mundo real.

Talvez ele estivesse sentindo prazer com a ideia de ser mais forte do que eu, um doutorzinho gorducho em sua poltrona confortável. Talvez ele estivesse satisfeito em perceber que eu não daria conta daquilo com o que ele lidava todos os dias e que, por isso, eu não tinha nada a

oferecê-lo. Talvez nós fossemos muito diferentes... Talvez eu não tivesse nada a oferecê-lo por estarmos em lugares tão diferentes... Não sei se estávamos...

- *“Eu noto sua satisfação em perceber o impacto que você foi capaz de causar em mim, Tiago. Eu acho que você me fez perceber o que você sente quando está comigo.”*

- *“Como assim?”*

- *“Eu acho que você se sente muito impactado por mim. Pelas coisas que eu te digo e que te assustam. Eu acho que você tentou fazer o mesmo comigo. Penso, que você está tentando me fazer sentir como você se sente.”*

- *“Você não me impacta tanto assim.”*

- *“Ao me contar sobre o ‘Jack’ assassinado, eu acho que você está me contando como eu faço você se sentir. Com as tripas de fora. Sem a cabeça. Completamente exposto. Ao avesso.”*

Enquanto eu falava, Tiago foi abaixando a cabeça. Ficou imóvel. Eu o observava e me espantou que ele não parecia sequer respirar. Talvez estivesse se fazendo de morto, como um animal, na expectativa de interromper o ataque de seu predador. Alguns segundos se passaram até que ele levantou a cabeça e olhou para cômoda onde sua arma estava guardada. Em um rompante, olhando para mim ele se levanta, e diz:

- *“Deixa eu te mostrar uma coisa.”*

- *“Tiago, não!”*

Falo alto. Ele para por alguns segundos a meio caminho do móvel, mas não desiste. Abre a cômoda e pega a arma nas mãos. Então, ele olha para mim e caminha em minha direção.

Tento me levantar, mas ele segura meus ombros e me coloca sentado novamente. Ele põe a arma no meu colo e pede que eu a segure.

- *“Você sabe o que é isso?”*

- *“Tiago, eu preciso que você vá para o seu lugar, agora!”*

Ele se ergue e vai para sua poltrona, me deixando com a arma no colo. Ele está ofegante, os olhos vermelhos como se ameaçassem pegar fogo. Olha para baixo com os cotovelos apoiados nos joelhos, então me diz;

- *“Essa peça que está na sua mão, sempre resolveu meus problemas. Eu sempre me senti protegido com ela. Aqui é o único lugar do mundo, que ela não me faz sentir mais seguro.”*

Eu ainda estava tentando entender se ele pretendia, ou não, me machucar. As mãos suadas e os batimentos cardíacos potentes na garganta não me permitiam dizer nada. Respirar estava difícil. A arma preta meio oleosa, talvez do meu suor, talvez do uso que ele havia feito na noite anterior, não combinavam comigo ou com meu consultório. Me olhei de fora, segurando uma arma, sentado em minha confortável poltrona de analista e me engasguei com a saliva que pintou meu rosto de vermelho, enquanto tossia. Tiago olhava para mim. Eu olhava para ele, com os olhos cheios de lágrimas, me afogando.

Me levantei para beber um pouco da água que ficava na mesma cômoda que guardava o revólver. O revólver... ainda em minha mão. Por quê? Olhei novamente para a peça de aço pesado e senti ódio de Tiago. Fui até ele, e dei-lhe a arma na mão que pegou com maestria.

- *“Tiago, este espaço é onde eu me sinto seguro o suficiente para trabalhar. Para pensar. E hoje, você me tirou isto. Por algum tempo foi roubada de mim a capacidade de pensar. O mundo está aqui dentro. A mundo está lá fora. Me sinto grato por você ter dividido comigo como é o seu mundo lá fora e como é o seu mundo, dentro de você. Um mundo aterrorizante. Um mundo em que somente armado é possível sobreviver. No entanto, eu preciso esclarecer algo pra você, que talvez você não tenha percebido... Eu não estou armado. Eu não pretendo te matar.”*

Tiago me olhou, curioso. Os olhos abertos em silêncio de movimentos.

- *“Você não se sente capaz de lidar comigo, se não estiver armado. Você parece ter muito medo de mim e de me enfrentar de igual para igual.”*

- *“Você tá dizendo que eu não sou homem?”*

- *“Estou dizendo que, para falar com um homem, você precisa estar armado e isto faz de você um menino assustado.”*

Tiago ficou com raiva. Ele me olhou enquanto sua mão apertava com força o revólver. Então, disse a ele:

- *“Você pretende usar esse pedaço de aço, ou a sua mente para falar comigo?”*

- *“Eu acho que... a minha mente.”*

- *“Então guarda essa arma que você não precisa dela.”*

Tiago abaixou a cabeça e, enquanto uma mão segurava o revólver, a outra escondia o rosto que se contraía. Eu não ouvi nada. Ele se levantou depois de alguns segundos e em pé, diante de mim, guardou a arma no coldre. Se ajeitou.

- *“Eu não tenho condições de falar com você hoje. Eu volto amanhã.”*

Ele saiu devagar, sem bater a porta. Eu, sentei em minha confortável poltrona, que parecia muito maior do que eu. Tremendo. Suando.